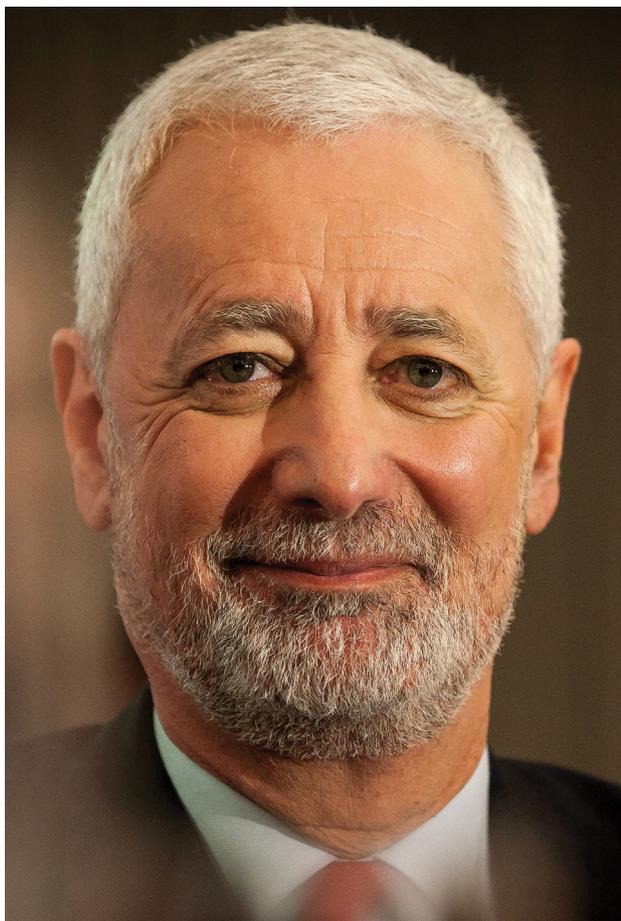


PROFESSOR António Nóvoa

- Embaixador da Educação



Créditos: @Paulo Vaz Henriques, 2016.

>

Interação Química com

Maria José Lourenço
mjlourenco@ciencias.ulisboa.pt

António Nóvoa
novoa@reitoria.ulisboa.pt

António Nóvoa é especialista em História da Educação e em Educação Comparada. Os professores e a sua formação e as políticas educativas no plano nacional e internacional são temas do seu interesse. É Professor Catedrático do Instituto de Educação e Reitor Honorário da Universidade de Lisboa. Foi Presidente da Associação Internacional de História da Educação de 2000 a 2003. Em 2005 recebeu do Presidente Jorge Sampaio a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública. Em 2012, foi Presidente das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Candidatou-se às eleições presidenciais de 2016, como independente. É Professor Honorário do Instituto Politécnico de Macau desde 2018. Foi embaixador de Portugal junto da UNESCO, em Paris, entre 2018 e 2021. Em 2019, e por sua iniciativa, a UNESCO proclamou o dia 5 de maio como “Dia Mundial da Língua Portuguesa”. Possui o título de Doutor *Honoris Causa* de várias universidades portuguesas e brasileiras.

A EDUCAÇÃO é um assunto muito sério. Resulta do compromisso assumido entre gerações e não tem um TEMPO. É um tema de muita responsabilidade porque se transmite à sociedade e fica para sempre. E a Química? Que contribuições poderemos esperar das características criativas desta CIÊNCIA?

António Nóvoa é um EXCELENTE PROFESSOR. Ser embaixador da Educação é um compromisso com o FUTURO. O seu discurso convence e envolve, entusiasmo. Tem uma forma muito especial de comunicar. Exibe uma capacidade ilimitada de liderança, uma comunicação persuasiva que conduz à interiorização da mensagem e evita o esforço do aluno em seguir-lhe o pensamento.

É multidisciplinar e muito perspicaz. O fundamental não lhe escapa.

A sua firmeza, a sua convicção, resultantes de um estudo profundo sobre os temas em debate, dá confiança, motiva e desassossega. Dá-nos liberdade e catalisa-nos para pensar diferente. É aventureiro por natureza, não tem medo da mudança e adora transformar. Não lhe falta coragem para expor as suas ideias. Diz o que pensa. Só gosta de fazer coisas bem feitas, com extrema lucidez e originalidade. Inspira multidões. Entre as suas palavras preferidas encontram-se: Direitos Humanos, Justiça Social e Liberdade. Gostava que a UNESCO, na área da educação, retomasse a visão humanista e não se estabelecesse só numa matriz económica.

O seu maior receio é desiludir os que nele confiam.
É um Professor sábio, humilde e simples.
É pai e avô.



António Nóvoa, Valença, 1955.



António Nóvoa com a irmã Maria, Póvoa de Varzim, 1955.

“O que queres ser quando fores grande?” é uma das questões tradicionais dirigida aos mais jovens. Enquanto jovem, o que costumava responder? Porquê?

Nada muito original - futebolista. Um sonho parcialmente cumprido. Aos 16 anos fui jogar futebol para a Académica e estudar na Universidade de Coimbra. Nunca gostei de assistir a jogos de futebol, mas desde que haja uma bola a saltar perto de mim, não resisto.

Que memórias guarda da sua infância?

Memórias boas. Sempre pelo Minho, Valença, Caminha, Famalicão, Póvoa de Varzim. A presença dos meus pais e irmãos, e de muitos primos. Olho para trás, e não consigo imaginar que pudesse ter crescido num outro ambiente melhor do que este.

Gostava de Química? Tinha bons professores?

Gostava muito das aulas laboratoriais, como todos na minha turma. Recordo bem esses momentos.



António Nóvoa (primeira fila, segundo a contar da esquerda) na equipa de futebol da Académica, 1971.

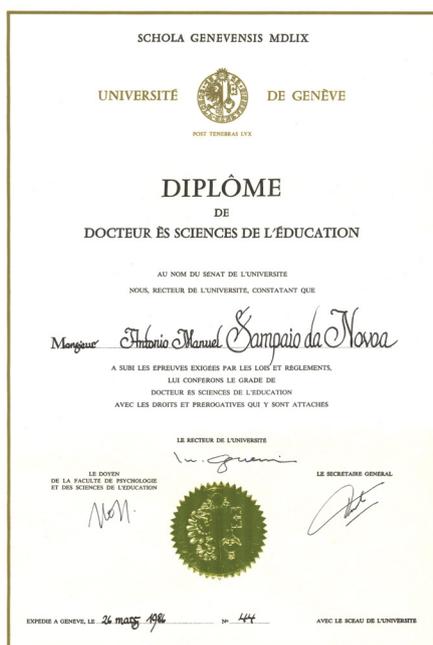


António Nóvoa (à direita) com os pais e irmãos na Casa de Boamense, Famalicão, 1964.

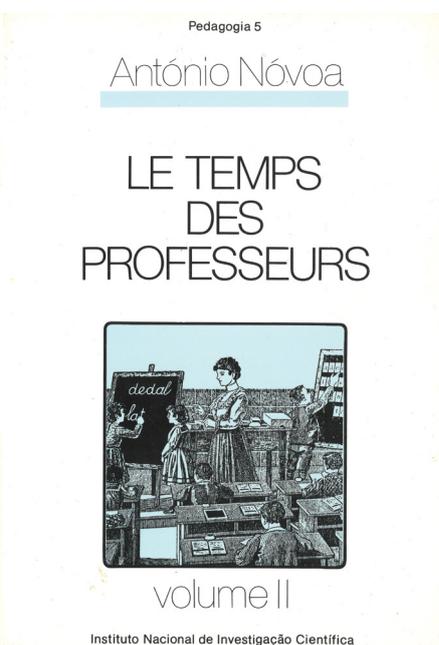
Tive excelentes professores no Liceu Nacional de Oeiras. Os que mais me marcaram foram o Professor Luís Ardisson Pereira, de Filosofia, e a Professora Marinette Leitão, de Matemática.

Como acabou por se tornar especialista em EDUCAÇÃO?

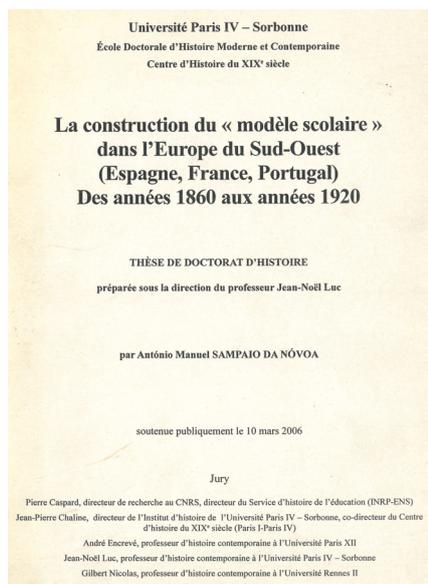
Na Universidade de Coimbra, fiz dois anos de Matemática. Depois, o Curso Superior de Teatro. Em 1977, subitamente, aos 22 anos, com esta imperfeita formação, vi-me a dar aulas na Escola do Magistério Primário de Aveiro. E, no entanto, foram três anos extraordinários, de grande intensidade, que definem o meu interesse pela Educação. E que revelam também a



Diploma do primeiro Doutoramento de António Nóvoa, Genève, 26 de março de 1986, e capa da Tese, Volume II.



António Nóvoa em Genève, 1982.



Diploma do segundo Doutoramento de António Nóvoa, Paris, Sorbonne, 10 de março de 2006, e contracapa da Tese.



“
Ser professor é ser capaz de levar os alunos o mais longe possível na sua história e na sua humanidade.

insuficiência da minha preparação universitária. Parei. Fui realizar estudos de graduação e de pós-graduação em Ciências da Educação na Universidade de Genève, a minha *alma mater*. Mais tarde fiz um segundo doutoramento, desta vez em História, na Sorbonne. O que me define verdadeiramente é ser professor.

O que é ser professor?

Já li milhares de respostas. Fico com George Steiner: é despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos seus; induzir nos outros um amor por aquilo que amamos; fazer do seu presente interior o seu

“

Ninguém se pode educar sozinho.

futuro. A missão primeira de um professor é libertar o futuro dos seus alunos, abrir-lhes possibilidades de futuro, conseguir que cheguem a lugares onde nunca chegariam sem a sua presença e o seu trabalho. Ser professor é ser capaz de levar os alunos o mais longe possível na sua história e na sua humanidade.

E o que é ser aluno?

A melhor metáfora educativa é a viagem. Para nos educarmos, precisamos de partir. Ser aluno é fazer uma viagem por terras desconhecidas, adquirir um olhar diferente sobre nós e sobre o mundo. Há muitas aprendizagens que podemos fazer sozinhos. Certamente. Mas a educação exige uma relação com os outros, mestres e colegas. Ninguém se pode educar sozinho. Dito de outro modo: precisamos de ser alunos, isto é, de nos alimentarmos de um trabalho em comum dentro de um espaço escolar. Para que nos possamos “desenvolver”, precisamos primeiro de nos “envolver”.

De entre os muitos alunos que teve, há algum que queira destacar?

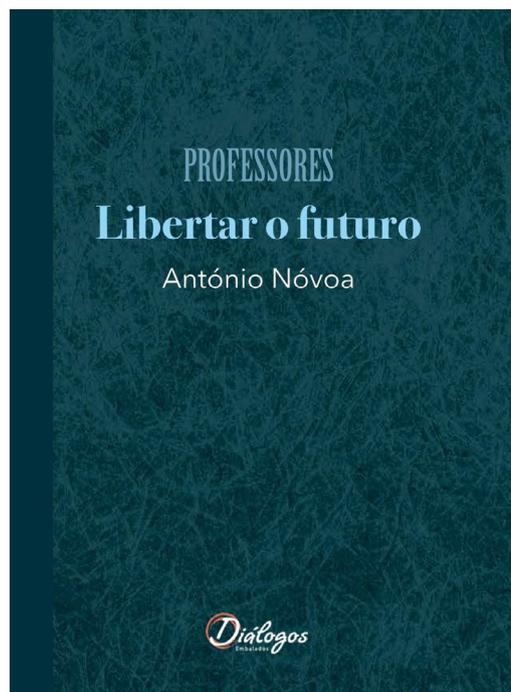
Os primeiros e os últimos. Recordo-me muito bem dos primeiros alunos que tive, no Magistério de Aveiro: a Ana, a Conceição, o João, a Margarida... Eu tinha 22 anos, eles pouco menos. Conseguimos, juntos, construir momentos extraordinários que nos marcaram para sempre. No outro extremo do tempo, guardo memórias fortes do trabalho de orientação de doutoramentos e do contributo que terei dado para a vida académica da Ana, do António, da Isabel, do João, do Jorge, do Luís...

Qual é a sua primeira publicação?

A primeira publicação académica, sólida, foi a minha tese de doutoramento: *Le temps des professeurs*. Dois grossos volumes publicados em francês pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, em 1987. No prefácio, o diretor da minha tese, Daniel Hameline, escreve um parágrafo que retrata bem o que me

“

As melhores histórias de um professor são contadas pelas vidas dos seus alunos.



Capa do livro *Professores - Libertar o futuro*, de António Nóvoa, Diálogos Embalados, 2023.

moveu na escrita da tese: “Nóvoa conserva parte do entusiasmo do militante que foi. E que continua a ser. Mas não foi o seu longo périplo pela História feita que lhe ensinou a perplexidade. Foram antes os desenvolvimentos da História em curso. O caminho pela História, e o esforço para a escrever, pode ajudar o militante a acentuar a sua perplexidade. Trata-se mesmo de um sinal de saúde para o militantismo, sobretudo pedagógico, porque assim torna-se mais capaz de resistir ao dogmatismo e à cegueira”.

E a última publicação?

Um livro publicado no Brasil: *Professores – Libertar o futuro*. Num tempo marcado por tantas incertezas e dificuldades dos professores, em Portugal e no mundo, pareceu-me útil escrever dez capítulos que têm como ponto de partida os lemas do Dia Mundial do Professor, entre 2013 e 2022. Na badana da capa, o livro é apresentado assim: “Este é um livro para quem acredita no professor e na escola pública. Para quem se orienta pela bússola da liberdade e do bem comum. Para quem defende, acima de tudo, o humano – e seus direitos. Para quem reconhece a Educação como processo

“

A invenção nasce da persistência, e vive da liberdade.

“

Não devemos fazer tudo o que é possível, apenas o que torne a humanidade mais humana.

inseparável do encontro entre pessoas, de relações humanas, de co-construção do sentido de humanidade”.

O que tem a destacar nesta caminhada?

Apercebo-me, agora, que o primeiro e o último livro são sobre os professores. 36 anos de escrita. Um tema permanente. Pelo caminho, muitos outros textos, sobretudo sobre história da educação e educação comparada, mas também sobre ensino superior, ciência e cultura. Todos os dias, caneta na mão, sento-me na mesa de trabalho. É a minha bancada. Trabalho continuado, persistente, diligente. A invenção nasce da persistência, e vive da liberdade. Receio que o produtivismo académico e métricas cegas estejam a transformar-nos em repetidores, a retirar-nos a capacidade de risco e de transgressão. Seria o fim da ciência e da universidade.

Passemos agora à Química. O que significa para si um laboratório de Química?

Para além das referências históricas – esse belíssimo Laboratório *Chimico* da Escola Politécnica e muitos outros –, significa, para mim, um lugar de criação. Misturam-se substâncias para criar novas substâncias. Pode ser um laboratório real ou virtual, mas é sempre um lugar onde procuramos ir além do conhecido para construir o que ainda não tem nome.

“

Precisamos de construir novos ambientes educativos que tenham como referência o “trabalho dos alunos” e não apenas a “aula dos professores”.

Pela importância do assunto, tenho insistido na questão que se segue. A Química tem

“

Se não conseguirmos que os alunos gostem de Química, não conseguiremos que gostem de nenhuma outra matéria.

um papel fundamental na sociedade, mas frequentemente é acusada de efeitos nefastos, ou seja, dizem que isso tem químicos! Na sua opinião como se deve reverter esta ideia para repor a verdade dos factos, pois, afinal, tudo é Química?

Um dos meus autores de cabeceira é Michel Serres. Recordo a sua série de televisão, *La Légende des sciences* (A Lenda das ciências – Arte, França), 1996/1997. O nono episódio, com o título *Misturar*, é dedicado à Química. Numa história breve, explica a passagem da Alquimia à Química, com recurso a Newton, a Lavoisier e a Mendeleev. A magia é substituída pela ciência, graças à exatidão das medidas. Diz-nos que a Física se compreende, e que a Química se aprende. Mas, acima de tudo, sublinha que a Química é a vida: “O ar não é ar. A água não é água. A terra não é terra. Todos estes elementos são misturas e composições químicas”. Então, onde está o problema com a Química? Talvez, segundo Michel Serres, porque a Química nos faz medo, porque junta ao nosso mundo real um mundo possível, um mundo virtual. O seu poder infinito na criação de novas realidades assusta-nos. Temos medo do desconhecido. Os humanos não foram feitos para deuses. Precisamos, por isso, de restaurar a confiança perdida, ou pelo menos diminuída, na ciência. Os seres humanos não apreciam a ciência arrogante que se vangloria de tudo poder fazer. Preferem a ciência responsável, que compreende os seus próprios limites. Não devemos fazer tudo o que é possível, apenas o que torne a humanidade mais humana.

Em Química tudo reage, tudo se agita. Será então necessária muita Química para os novos modelos de escola. E como será possível gostar de Química quando esta tem “má cara”? Como conseguiremos ter sucesso?

A metamorfose da escola, isto é, a mudança da sua forma, pode ser descrita de maneira muito simples, recorrendo a uma ironia do filósofo francês Alain, escrita há um século: “Gosto de imaginar a escola como um lugar onde quem trabalha são os alunos, e

“

Proteger a ciência é proteger uma das poucas linguagens comuns que ainda nos resta, a par da música.

não os professores”. Precisamos de construir novos ambientes educativos que tenham como referência o “trabalho dos alunos” e não apenas a “aula dos professores”. Não há lugar que traduza melhor estes novos ambientes do que o laboratório. Aqui, trabalha-se, experimenta-se, os alunos dão asas à sua curiosidade, às suas perguntas. Não se trata de comunicar o saber, mas de ajudar os alunos a construírem o saber. Não se trata de realizar experiências à frente deles, mas de os levar a experimentar, a ver, a observar, a tirar conclusões, a fazer novas perguntas. O laboratório e a biblioteca são mesmo a melhor metáfora para os novos ambientes educativos. Se não conseguirmos que os alunos gostem de Química, não conseguiremos que gostem de nenhuma outra matéria.

Concorda que a Sociedade Portuguesa de Química (SPQ) tem um papel muito importante na divulgação em português, pelos especialistas?

Certamente. A Recomendação sobre Ciência Aberta da UNESCO procura, justamente, chamar a atenção para a importância da divulgação científica, sobretudo num tempo de tanta informação falsa e de um crescente negacionismo científico. A Recomendação elabora-se em três grandes níveis: acesso aberto, comunicação científica e apoio às políticas públicas. Trata-se de valorizar um conhecimento partilhado e a ciência como bem público e comum. Neste sentido, a ideia de “publicar a ciência” parece-me central. Não digo “publicar em ciência”, mas sim “publicar a ciência”, isto é, tornar a ciência pública, constituí-la como parte indispensável da cidadania. As sociedades científicas têm um papel decisivo para cumprir este desígnio.

Qual é a importância de comunicar Ciência (Química, neste caso) em português?

Proteger a ciência é proteger uma das poucas linguagens comuns que ainda nos resta, a par da música. Esta linguagem diz-se, sobretudo, em língua inglesa. É o esperanto dos nossos dias. Mas ficaria insuficiente se não fosse completada pelas outras línguas do mundo.

Um dos pontos fortes da Recomendação sobre Ciência Aberta é a defesa da diversidade linguística na produção e divulgação de ciência. Uma outra iniciativa que tomei como Embaixador na UNESCO foi a proclamação do Dia Mundial da Língua Portuguesa. Na fundamentação da proposta estava também a importância da língua portuguesa como língua de comunicação científica.

Todos os anos são proclamados pelas Nações Unidas “Os Anos Internacionais de...”. Como é que a sociedade celebra estes temas? Há comunicação/divulgação suficiente (apesar de existir impacto quase nulo)?

Na verdade, as organizações internacionais podem muito menos do que pensamos. A UNESCO, com toda a sua abrangência mundial, tem um orçamento anual bem inferior ao da Universidade de Lisboa. O poder destas organizações não é pequeno, mas é sobretudo simbólico. É o caso da proclamação dos “Anos internacionais...” ou dos “Dias mundiais...”. O que fazemos com estes símbolos nas mãos depende de nós. O Ano Internacional da Tabela Periódica, por exemplo, teve um impacto significativo, graças à mobilização de grupos, associações e sociedades. Infelizmente, a pandemia de COVID-19 veio prejudicar a continuidade deste trabalho.

O que considera que mudou depois da pandemia de COVID-19?

Na educação, ainda mudou muito pouco. Por um lado, há um apelo global, nomeadamente da parte das grandes organizações internacionais (ONU, UNESCO, Internacional da Educação...) para uma transformação da educação. Mas tudo é ainda muito indefinido e impreciso. Por outro lado, há inúmeras experiências educativas, regra geral da iniciativa de um ou mais professores, mas são pontuais, dispersas, bastante isoladas. São experiências que não se conhecem umas às outras e que não partilham ideias e resultados e, por isso mesmo, não se constituem ainda como um movimento de transformação. O caminho está quase todo por fazer. Mas há consciência da urgência da mudança. E há também o reconhecimento da importância das dimensões relacionais e emocionais.

“

... para estar à altura de exercer o seu poder transformador, a educação tem ela própria de se transformar.

A este propósito, o último livro de António Damásio, *Sentir & Saber*, revela bem a impossibilidade de separar estes dois gestos.

O neuropsiquiatra francês Boris Cyrulnik deixou-nos também um aviso importante quando escreveu que é surpreendente constatar que os professores subestimam o efeito da sua pessoa sobre os alunos, ao mesmo tempo que sobrestimam a transmissão dos seus conhecimentos.

Catalisamos uma mudança digital/ecológica/pedagógica. E agora, vai voltar tudo para trás?

No meu trabalho como Embaixador de Portugal na UNESCO, para além da atividade diplomática regular, avancei duas iniciativas de fundo. No *website* do 75.º aniversário da UNESCO (unesco.org/en/75th-anniversary) são apresentadas como duas iniciativas que marcam a visão futura da UNESCO (“Looking ahead”): um Relatório sobre *Os futuros da Educação* e uma *Recomendação sobre Ciência Aberta*. No caso dos futuros da educação propõe-se justamente uma abordagem que, com base nos direitos humanos, procure responder às questões climáticas e digitais, bem como aos retrocessos na vida democrática e às mudanças no mundo do trabalho. Presidi ao Grupo de Investigação-Redação da Comissão Internacional responsável por este Relatório, que assumiu uma posição clara: para estar à altura de exercer o seu poder transformador, a educação tem ela própria de se transformar.

Afinal o que é que já aprendemos com a pandemia?

Pouco. Nem sequer conseguimos ainda compreender todas as consequências da pandemia no desenvolvimento das crianças. Sabemos que houve uma queda abrupta nos resultados escolares, mas há ruturas, no plano relacional e emocional, que temos dificuldade em apreender. A pandemia tornou evidente a nossa interdependência como humanos. Todos dependemos de todos. Como diz Bruno Latour, somos corpos engendrados e mortais que devemos as nossas condições de *habitabilidade* a outros corpos engendrados e mortais de todos os tamanhos e de todas as origens. Habitabilidade e hospitalidade. A educação tem uma responsabilidade maior na criação de práticas e de vivências, e não apenas de discursos, que nos ajudem a caminhar na paz com a Terra e na paz com os outros.

A pandemia prejudicou fortemente as aulas laboratoriais. É esperado o abandono de muitos jovens no estudo da Química. Como se pode reverter esta situação quando o mundo espera por novos produtos, novos materiais, novas invenções?

Nos últimos meses tenho feito viagens pedagógicas por escolas de Portugal, de Sul a Norte. Já visitei mais de quarenta escolas. Em quase todas pude apreciar o trabalho de professores e alunos para valorizar as aulas laboratoriais. Ainda bem. Não senti o abandono dos jovens pelas ciências experimentais. Para que serve a escola? No meio de tantas respostas possíveis, a síntese de Oliver Rebol é brilhante: “Para sermos livres e não estarmos sós”. Nada acontece naturalmente. O encontro pedagógico tem de ser organizado. A aula laboratorial é uma boa ilustração deste exercício de liberdade e de trabalho conjunto.

Num trabalho recentemente publicado (com Yara Alvim, 2022) podemos apreciar a visão para um modelo de escola muito diferente. Será necessário REAGIR.

O título do livro traduz bem o seu conteúdo: *Escolas e professores – Proteger, Transformar, Valorizar*. Logo, *proteger*. Mas este gesto não nos deve fechar numa atitude defensiva, mas antes reconhecer a necessidade de reagir, de promover uma metamorfose da escola, uma mudança da sua forma. Logo, *transformar*. Hoje, mais do que instruções, orientações ou tecnologias vindas “de cima”, precisamos de compreender e apoiar as iniciativas que já existem em muitas escolas, graças ao esforço colaborativo de professores, frequentemente com a participação dos pais e das comunidades locais. Logo, *valorizar*.

Fale-nos de um momento muito importante na sua carreira.

A minha eleição como Reitor da Universidade de Lisboa, em 2006. Foram anos extraordinários da minha vida, que terminaram em 2013 com a “missão impossível” de juntar a Universidade de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa. Falta ainda muito para cumprir o sonho construído

“
Neste tempo de profundas mudanças na educação, devemos evitar os delírios futuristas que apontam para o fim da escola e dos professores, e sua substituição por outros meios ou tecnologias.

durante o processo de fusão. Mas houve a coragem do primeiro passo e, nele, já está grande parte do caminho. Cada geração é responsável pelo que faz e pelo que deixa como legado. Fui eleito para transformar a Universidade, e não apenas para a gerir. Fui eleito para mudar, não para ter medo. Na Aula Magna vivi momentos de uma intensidade para além dos limites. No plano pessoal, a felicidade está no *ser*. No plano institucional, no *fazer*. Um dia, no meu gabinete, na Reitoria, uma investigadora entregou-me um bilhete e disse-me: “É assim que o vejo”. Era um pedaço de um poema de Robert Frost:

“...Two roads diverged in a wood, and I,
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.”
Ainda hoje procuro honrar este bilhete.

Indique-me um livro, uma música e um filme/teatro da sua preferência.

O *mito de Sísifo*, de Albert Camus. Podem ser duas músicas? *Queixa das almas jovens censuradas*, de José Mário Branco e Natália Correia; e a *5.ª Sinfonia* de Beethoven. *Morte em Veneza*, de Luchino Visconti.

Que lugar tem a música na sua vida?

Repito a frase de Nietzsche: Sem música a vida seria um erro.

Qual o melhor prato que comeu em toda a sua vida? Qual o seu prato preferido?

Não sou pessoa de grandes repastos. É um defeito que já me valeu críticas e reprimendas. Sou mais de pequenas coisas: *raclette* de queijo, alcachofras recheadas, um bom presunto “pata negra”, cogumelos... Recordo-me muito bem de um bife fabuloso que era feito pela minha tia em Valença. Mas as saudades são da família e não do bife.

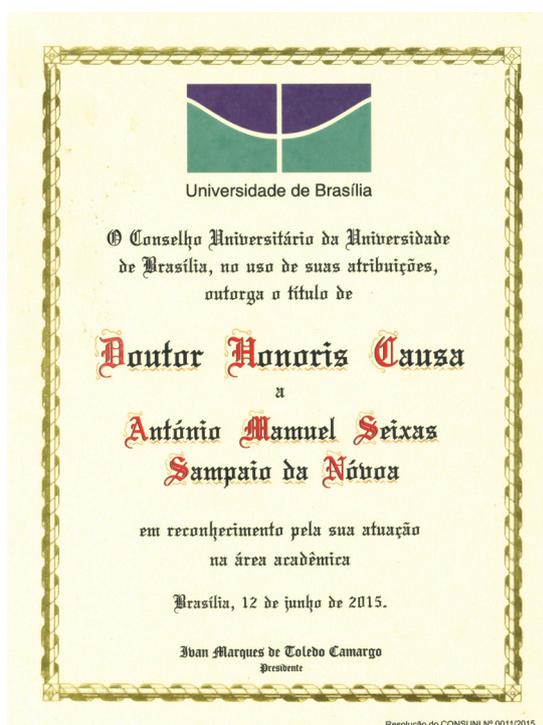
E qual a melhor viagem?

As minhas inúmeras viagens pelos Brasis, de ponta a ponta, de Boa Vista a Pelotas, de João Pessoa a Porto Velho. O Brasil foi a grande descoberta da minha vida. Por isso, na badana da capa do meu último livro, cito Vitorino Nemésio: “Foi em Água de Mininos, / Na Bahia, à flor do mar, / Que o português percebeu / Que isto de ser brasileiro / É questão de começar”.

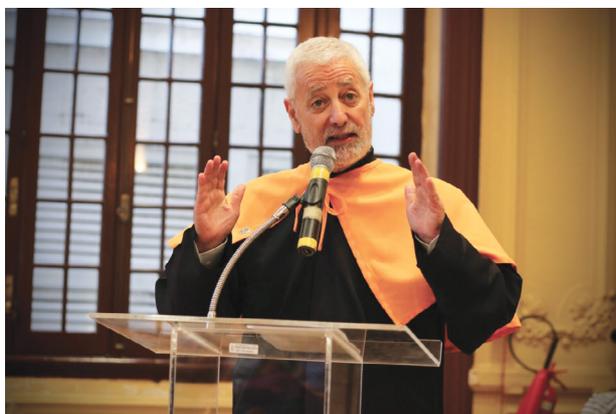
“
**Cada geração é
responsável pelo que
faz e pelo que deixa
como legado.**



António Nóvoa com o Pai na tomada de posse como Reitor, 2006.



Um dos títulos de Doutor *Honoris Causa* outorgados a António Nóvoa, Universidade de Brasília, 2015.



António Nóvoa no seu discurso *Honoris Causa*, título concedido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.



Antônio Nóvoa em Roma com o Papa Francisco, 2014.

“
**...a liberdade de
 criação deve ser mais
 do que livre, deve ser
 libertadora.**

Entre todas, retenho duas viagens: uma pelo Norte, na foz do Amazonas, partindo de Belém e visitando escolas ribeirinhas no meio do rio; outra pelo Sul, na região das missões guarani, entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai, espaços de uma espiritualidade única.

Como diminui a pressão no trabalho? Tem algum hobby? Futebol?

Na minha vida há uma integração entre o trabalho e o lazer. Confundem-se de um modo que depende do ânimo e da disposição. Nunca fiz férias ou, melhor dizendo, vou misturando os ritmos de trabalho e de ócio. Durante muito tempo, o futebol era atividade indispensável. Agora, dedico-me à bicicleta e à natação. Remendos da idade.

Qual é o seu lema de vida/missão para a sociedade?

Recorro a Sophia: “Viver a inteireza do possível”. Viver no impossível, é fácil. Sonhamos e lamentamos. Difícil é alargar as margens do possível, assumir a responsabilidade pelo que fazemos e pelo que não fazemos. Não há liberdade nem *antes* nem *depois* da ação. Só há liberdade *durante*. Gostaria que os direitos humanos fossem compreendidos e alargados, e que tivessem como eixos de rotação a dignidade humana e a justiça social.

Se a sua vida desse um filme quem gostaria que fosse o realizador?

Luchino Visconti, admitindo que o Jean-Luc Godard não estaria disponível.

Se entrasse numa peça de teatro, quem gostava de representar?

Antero de Quental.

E para terminarmos... que mensagem gostaria de dar aos jovens criativos?

Uma frase que li, há vários anos, na Bienal de São Paulo, escrita por Wladimir Dias-Pino, artista visual brasileiro: “A liberdade é sempre experimental”. A vida é marcada por incertezas, dúvidas, imprevistos. Só sabemos que não sabemos como será o futuro. Precisamos de experimentar, de tentar, de ensaiar, de criar. Invento, logo existo. Precisamos de ser livres, por dentro e por fora. Nada substitui a nossa liberdade interior, pessoal. Mas ela deve prolongar-se com uma liberdade pública, de uma participação numa humanidade comum. Nesse sentido, a liberdade de criação deve ser mais do que livre, deve ser libertadora.

E aos jovens caracterizados como indiferentes (se concorda com a existência de jovens indiferentes)?

É melhor estarmos errados do que sermos indiferentes. Os erros vivem-se e corrigem-se. A indiferença cansa e desgasta. Não creio que haja jovens indiferentes. É uma contradição nos termos. Mas há jovens que vivem em mundos muito diferentes do nosso. Nenhum mal. Não devem é fechar-se nesses mundos, por vezes medíocres do ponto de vista cultural, e têm de aceder a outras vivências e experiências. Somos a coleção das “imagens” que frequentámos na vida: as músicas que ouvimos, os livros que lemos, os filmes que vimos... É preciso alargar o nosso repertório de imagens. É também nossa responsabilidade como adultos sermos capazes de apresentar estes outros mundos aos jovens.

Temos de ensinar os jovens e a sociedade em geral a distinguir o verdadeiro do falso. Eu acredito na educação. Então o que está em falta? Combater a desinformação?

Vivemos um tempo dramático – admirável e trágico. Há muitos que conseguem viver, mas não conseguem imaginar nem criar. São máquinas admiráveis, mas desumanas. Arrastam-nos para o inferno. Recentemente, visitei o Museu Bispo do Rosário, no Rio de Janeiro, dedicado a esse artista plástico que passou grande parte da vida em instituições psiquiátricas.

“
**É melhor estarmos
 errados do que sermos
 indiferentes.**

Aí encontrei uma placa com a frase certa: “Salvem os loucos! Que os normais estão acabando com o mundo”. O que falta é uma educação ciente e consciente. Ciente dos grandes desafios do nosso tempo. Consciente da nossa responsabilidade perante eles. No dia em que não soubermos separar a mentira da verdade, o falso do autêntico, não conseguiremos tomar uma única decisão justa e segura. Nesse dia, a humanidade deixará de ser humana.



António Nóvoa na Aula Magna da ULisboa, 2016. @Paulo Vaz Henriques.

Referências

A. Nóvoa, Y. Alvim, “Os professores depois da pandemia”, *Educ. Soc.* **2021**, 42, 1-16. DOI: 10.1590/ES.249236.

A. Nóvoa, “L'Éducation Nouvelle: Trajectoires à l'échelle intercontinentale”, in R. Hofstetter et al. (Eds.), *Internationalismes éducatifs entre débats et combats (fin du 19e - premier 20e siècle)*, Peter Lang, Bruxelas, **2020**, pp. 277-298.

A. Nóvoa, “La notion de réforme en éducation est-elle encore pertinente aujourd'hui?”, *Revue internationale d'éducation - Sèvres* **2020**, 83, 23-31.

Curriculum Vitae

António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa nasceu em Valença (distrito de Viana do Castelo - Alto Minho) a 12 de dezembro de 1954. É o segundo de cinco filhos, uma irmã e quatro irmãos. Frequentou o Liceu Nacional de Oeiras até 1971 e estudou matemática, durante dois anos, na Universidade de Coimbra. Em 1976 obteve o Curso Superior de Teatro pela Escola de Teatro do Conservatório Nacional. Entre 1976 e 1979 foi professor da Escola do Magistério Primário de Aveiro. Licenciou-se em Ciências da Educação, em 1982, na *Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, Université de Genève*, onde deu início à sua carreira universitária. Em 1986 obteve o doutoramento em Ciências da Educação (História da Educação), também pela Universidade de Genève. De regresso a Portugal, fez uma breve passagem como Assistente convidado e Professor Auxiliar no Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa e ingressou, em 1987, como Professor Auxiliar, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Foi promovido, na mesma faculdade, a Professor Associado, em 1991, e a Professor Catedrático em 1996 (prestou provas de Agregação em 1994). Entre 2002 e 2006, desempenhou funções de Vice-Reitor da Universidade de Lisboa. Em 2006 obteve o segundo doutoramento, em História (História Moderna e Contemporânea), pela Universidade de Paris IV - Sorbonne. Respondeu a um desafio do Professor José Barata-Moura e candidatou-se a Reitor da Universidade de Lisboa, missão que desempenhou entre 2006 e 2013. Terminou a sua função como Reitor a 25 de julho de 2013, primeiro dia da ULisboa, resultado do seu trabalho sobre a fusão das duas principais universidades públicas de Lisboa - A Universidade de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa. Foi diretor da *Iniciativa Políticas Públicas da Universidade de Lisboa* (2014/2015). Em 2015, a Universidade do Algarve e a Universidade de Brasília atribuíram-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*. Recebeu o mesmo título pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2016),

É importante tomar consciência que há 260 milhões de pessoas a falar português em todo o Mundo e que a língua portuguesa é outra via de divulgação das Ciências.

À pergunta "E ser professor hoje?", o entrevistado responde que nada substitui um bom professor. Como seria de esperar, o desafio que foi lançado a António Nóvoa não o surpreendeu. As reuniões presenciais que realizámos na reitoria da ULisboa tornaram possível este trabalho. A sua disponibilidade e empenho para esta Interação Química merecem reconhecimento.

Professor, ensinou-me que “uma conversa é dar voltas ao pensamento na companhia dos outros”. Foi um prazer trabalhar consigo, estou muito grata pela sua sabedoria.

A. Nóvoa, “The return of the comparativist: Estrangement, intercession, and profanation”, in E. Klerides & S. Carney (Eds.), *Identities and Education: Comparative Perspectives in Times of Crisis*, Bloomsbury, Londres, **2021**, pp 245-260.

H. E. Sahle-Work Zewde, A. Nóvoa, M. Aoyagi, A. Appadurai, P. Awuah, A. B. Ben Hassen, C. Buarque, E. Guerra, B. Jafar, D.-Yeon Kim, J. Y. Lin, E. Morozov, K. Mundy, F. M. Reimers, T. R. Zea, S. M. Thiam, V. V.-Freiberger, M. Yahya, *Reimagining our futures together: A new social contract for education* (Report from the International Commission on the Futures of Education), UNESCO, Paris, **2021**. DOI: 10.54675/ASRB4722.

pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017), pela Universidade Federal de Santa Maria (2019) e pela Universidade de São Paulo (2021). Foi Professor Convidado na Universidade Columbia em Nova Iorque, na Universidade de Wisconsin-Madison, na Universidade de Brasília e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante um semestre, foi investigador na Universidade de Paris V e na Universidade de Oxford. Orientou cursos e seminários de pós-graduações (mestrado e doutoramento) nas principais universidades portuguesas e em cerca de três dezenas de universidades estrangeiras, na Europa, na América do Norte e no Brasil. Orientou mais de 30 dezenas de teses de doutoramento e mais de 50 teses de mestrado, maioritariamente na Universidade de Lisboa. Participou em provas académicas (mestrado, doutoramento e agregação) e em concursos públicos para professor como membro de júri em quase todas as universidades portuguesas, bem como em universidades brasileiras, canadianas, espanholas, francesas, norte-americanas e suíças. Foi responsável científico ou coordenador de equipas portuguesas em cerca de 20 projetos de investigação financiados por agências nacionais ou internacionais, avaliador externo de entidades científicas internacionais, membro de comissões científicas nacionais, membro de associações e sociedades científicas nacionais e internacionais, membro de vários conselhos editoriais, consultor em Recursos Humanos e consultor para a Educação do Presidente Jorge Sampaio. Em 1998 recebeu a Medalha de Mérito - Grau Ouro da Câmara Municipal de Oeiras e foi condecorado Comendador da Ordem de Rio Branco. Venceu o Prémio Universidade de Coimbra de 2014. Em 2021 recebeu o Prémio Carreira da Lusofonia. Possui centenas de publicações, vários prefácios e notas de apresentação, entrevistas e notícias em revistas científicas e de divulgação. O número de conferências proferidas é superior a 400.